

EMULAÇÃO DA LITURGIA UMBANDISTA NAS GIRAS *ONLINE*Maurício Ferreira Santana¹**RESUMO**

Tendo como ponto de partida o principal fundamento umbandista (“Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade”), que se estrutura dentro de um processo comunicacional da própria religião, composta pelos atores entidade, médium e consulente, analisamos a forma como este fundamento se reconfigura no espaço virtual da prática litúrgica *online* utilizando como objeto de estudo dois canais da plataforma YouTube (“Adérito Simões” e “Umbanda Ensino à Distância”); através de nossa observação aos vídeos intitulados como “gira *online*” notamos que não há a prática da incorporação, o que indica uma ruptura do processo comunicacional imbricado com o fundamento mencionado acima indicando uma reconfiguração tanto na comunicação “um para um”, caracterizada pelo atendimento / aconselhamento individual, bem como na prática da caridade através do passe coletivo pelo “axé”, importante elemento da religiosidade segundo Muniz Sodré. Utilizamos também como arcabouço teórico para este estudo Mircea Eliade (espaço sagrado) e Stig Hjarvard (mediatização).

PALAVRAS-CHAVE: Umbanda; Mediatização; Fundamentos religiosos; Reconfiguração.

ABSTRACT

Taking as its starting point the main Umbanda foundation (“Umbanda is the manifestation of the spirit for charity”), which is structured within a communicational process of religion itself, composed of the actors entity, medium and consultant, we analyze how this foundation it is reconfigured in the virtual space of online liturgical practice using two channels of the YouTube platform (“Adérito Simões” and “Umbanda Ensino a Distância”) as the object of study; through our observation of the videos entitled "gira online" we noticed that there is no practice of incorporation, which indicates a rupture in the communicational process imbricated with the aforementioned reason indicating a reconfiguration both in the "one to one" communication, characterized by individual counseling, as well as in the practice of charity through the collective pass through “axé”, an important element of religiosity according to Muniz Sodré. We also used Mircea Eliade (sacred space) and Stig Hjarvard (mediatization) as the theoretical framework for this study.

Keywords: Umbanda, Mediatization, Religious foundations; Reconfiguration.

INTRODUÇÃO

Com a consolidação dos estudos em mediatização na Comunicação a partir dos anos 2000, abriu-se um leque de investigações sobre diversos fenômenos sociais, partindo da política e chegando às religiões. A preocupação inicial dos teóricos era

¹ Doutorando em Comunicação e Linguagens pelo PPGCOM da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: jose_sandino@yahoo.com.br

enxergar a maneira como a religião lançava mão de práticas mediatizadas como recurso adicional que lhe possibilitaria maior amplitude comunicacional junto a seus seguidores, inicialmente com a utilização do rádio e da televisão – sobretudo com os “televangelistas”, segundo Martino (2016, p. 40) – e posteriormente com a internet. Mas a princípio a utilização dessas mídias tinha como finalidade principal a divulgação de mensagens religiosas em formato não litúrgico, as quais gradativamente adquiriram regularidade com a conquista dos espaços midiáticos, seja por uma relação de alta mediação – o uso em larga escala de programas de televisão –, quanto de baixa mediação – com menor interseção, onde ocasionalmente transmitiam-se missas católicas, por exemplo, pelo rádio e televisão (MARTINO, 2016, p. 44-45). No caso específico da internet e das suas plataformas digitais com a possibilidade de interação em tempo real ou não, tivemos um largo processo de mediatização das religiões, abrindo espaço tanto para práticas de consumo como para o estabelecimento das práticas litúrgicas, fortemente utilizadas em cultos evangélicos e missas católicas. A partir dessas mediatizações é que surgiram os primeiros questionamentos sobre reconfigurações religiosas, em particular a preocupação com a aplicação de sacramentos religiosos através da internet, como a confissão e a comunhão católicas (MILLER; SLATER 2000, p.185).

O advento da pandemia de coronavírus no ano de 2020 e o consequente isolamento social obrigou outras religiões à utilização das plataformas digitais para a continuidade de suas práticas religiosas, dentre as quais destacamos a Umbanda, que até então tinha como território litúrgico o terreiro. Vimos surgir as iniciativas de pais de santo, muitos deles conhecidos *youtubers* detentores de canais voltados à divulgação da Umbanda (incluindo práticas de consumo e comercialização de produtos como roupas, acessórios e cursos *online*), iniciarem suas giras² via *streaming* e em várias ocasiões através de *lives*, alguns em seus terreiros, outros dentro de suas próprias casas. Esse contexto instigou-nos a percorrer o espaço *online* a fim de investigar como a gira

² Gira ou engira é o processo litúrgico da Umbanda, “[...] os trabalhos ritualísticos mais conhecidos de Umbanda.” (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 220).

mediatizada seria reproduzida – ou emulada³ – através do *streaming* e se haveria algum tipo de reconfiguração das práticas litúrgicas.

UMBANDA COMO PROCESSO COMUNICACIONAL E TERRITÓRIO

Quando a entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas proferiu em 1908⁴ o principal fundamento da religião – “Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade” (JURUÁ, 2013, p. 15) – através do médium Zélio Fernandino de Moraes, estabeleceu a estrutura comunicacional da religião. Entendemos que a religião de Umbanda atende a este fundamento por meio de três elementos que se comunicam: a entidade, o médium e o consulente⁵ (o que consulta, que pede aconselhamento).

Para que o espírito possa se manifestar, de acordo com o fundamento, é necessário um médium de incorporação⁶ – como o próprio nome sugere, o médium é o mediador do plano espiritual e do plano terreno, o meio no qual a mensagem é enviada –; quando este médium incorpora o espírito (ou entidade) este está apto a comunicar-se, podendo assim praticar o que o fundamento denomina como caridade.

³ Em nossa tese, trabalhamos com o conceito de emulação – termo emprestado da informática -, pois nos parece que uma gira *online* não tem o mesmo “desempenho” de uma gira presencial, física, com a presença de toda a egrégora.

⁴ 15 de novembro de 1908 é considerada a data de fundação da religião. Foi nesta data que o médium Zélio Fernandino de Moraes incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador espiritual da religião.

⁵ Adotamos neste artigo o termo “consulência”; na Umbanda, também se utiliza o sinônimo “assistência”

⁶ Explicitamos o termo “médium de incorporação” para diferenciar de outros tipos de médiuns que não necessariamente “incorporam”; são médiuns de vidência, de cura, etc., que atuam não só na Umbanda como em outras religiões denominadas mediúnicas.

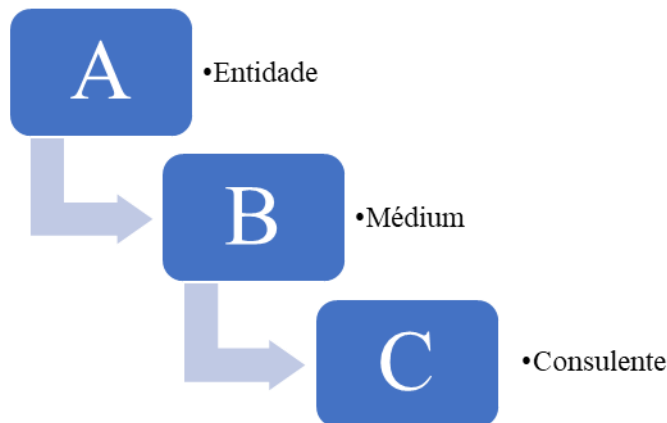


Figura 1: O processo de comunicação na Umbanda. Fonte: nossa autoria.

Essa tríade⁷ entidade / médiun / consulente necessita estar situada em um território para a prática religiosa, no que denominamos espaço sagrado, o próprio terreiro:

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único, que é *real*, que existe *realmente* – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. [...A] revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real. (ELIADE, 2019, p. 25-27. Grifos no original).

A importância da prática religiosa em um espaço sagrado, portanto, pressupõe um território energético no qual pode-se efetuar a comunicação com o além de forma protegida, sem interferências externas e profanas. No caso específico da Umbanda, o terreiro é *campo santo*, território protegido com assentamentos, firmezas, tronqueira de

⁷ Consideramos a tríade entidade/médiun/consulente como fundamental para o desenvolvimento de uma teoria pertencente ao campo da Comunicação (em desenvolvimento para nossa tese de doutorado); é importante mencionar outros elementos que também têm participação no processo litúrgico, como os ogãs, percussionistas que compõem a curimba em algumas umbandas que utilizam instrumentos de percussão e os cambones, assistentes (médiuns ou não) que auxiliam no processo comunicacional entre o médiun incorporado e o (s) consulente (s), atuando como um intermediador que anota os conselhos da entidade e os passa para o consulente – acendimento de velas, banhos de ervas, etc. Deixamos registrada a possibilidade de ampliação do campo de estudos, agregando esses dois elementos extras ao processo, como futura pesquisa. Ainda em relação ao termo “tríade”, analogamente Florence Dravet utiliza a expressão “troca triádica” (DRAVET, 2016, p. 295).

Exu⁸; ou seja, proporciona segurança para o estabelecimento da corrente energética formada pela egrégora.

O espaço sagrado é também território do corpo, espaço de ocupação pelos corpos da egrégora, onde o processo da incorporação é, além de uma epifania, uma hierofania, junção do corpo físico com o território:

O corpo humano, assimilado ritualmente ao Cosmos [...] é também assimilado a uma casa [...] o templo ou a casa, por sua vez são considerados como um corpo humano [...]. Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente. (ELIADE, 2019, *Passim*).

O corpo receptáculo do mistério, do sagrado, do oculto – e aqui não aludimos ao “corpo de Cristo” materializado na hóstia sagrada do catolicismo, e sim ao corpo nas religiões mediúnicas de matriz africana – é o meio de expressão do que vem do *Orun* (o céu sagrado na língua iorubá), onde o médium está entre as duas partes, *Orun* e *Aiyê* (a terra). E para que o médium *medie* o que vem do *Orun* aos filhos da terra, é necessário estar no centro do mundo, no espaço sagrado e de conexão terra / terreiro. O corpo, segundo Sodré, é ainda a própria expressão da continuidade da existência, na visão dos povos africanos:

Na *Arkhé* africana [o nascimento, despertar de uma forma, origem ritualizada na visão do autor] o corpo se concebe como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa), igualmente feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas, para cuja formação e preservação acorrem elementos do presente cósmico e da ancestralidade. Para além da carne, o corpo e suas representações (portanto, a corporeidade) podem ser concebidos como um território onde se entrecruzam elementos físicos e míticos e se erigem fronteiras e defesas [...]. Os nagôs, por exemplo, vinculam o corpo ao sagrado, que é percebido por uma experiência de apreensão das raízes da existência e da sua contínua renovação [...]. Em outras palavras, o que se vive está de alguma maneira inscrito nas espirais dos ciclos de destino em que se movem, complementarmente, homens e deuses, os orixás. (SODRÉ, 2006, p. 211).

⁸ Todos esses elementos (entre outros) servem para proteger a egrégora e proporcionar o bom andamento das giras e dos trabalhos de descarrego. Na Umbanda trabalham-se com as energias do mundo espiritual, daí a seriedade na instalação de todas essas proteções. Ver BARBOSA JÚNIOR (2014, p. 216-217).

Salientamos, portanto, o que idealmente é representado na Umbanda por elementos míticos (espirituais) e corporais reunidos em um espaço sagrado para a prática de um fundamento:

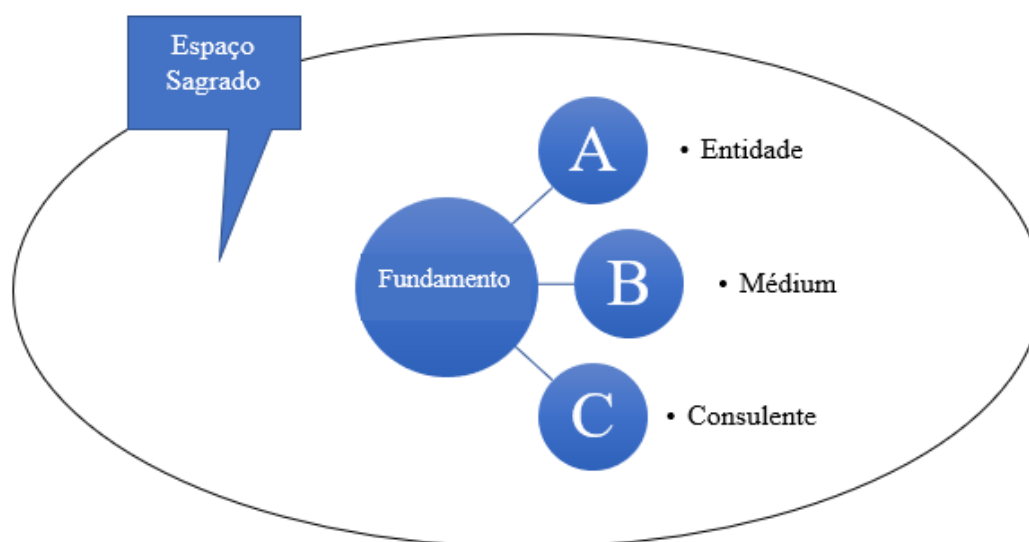


Figura 2: Composição da tríade para execução do fundamento de Umbanda dentro do espaço sagrado (terreiro). Fonte: nossa autoria.

Representamos na figura 2 como se aglutinam os atores A, B e C (através da comunicação representada na figura 1) para, em um processo de epifania / hierofania, concretizar o fundamento indissociável do espaço sagrado (terreiro). Em nosso entendimento obtido pela experiência em terreiros⁹, dividimos a aplicação do fundamento “manifestação do espírito para a caridade” sob duas formas: “um para um” e “coletivo”. Na forma “um para um” o atendimento ao consulente é individualizado, ou seja, para cada consulente, uma entidade manifestada irá atender; já na forma coletiva, uma ou mais entidades irão, por meio de energização coletiva (ou “passe”, expressão herdada do espiritismo), abranger todos os consulentes presentes no terreiro.

⁹ Através de nossa observação participante nos terreiros Tia Serafina (anteriormente Vó Benedita) e Caboclo Girassol, situados na cidade de Curitiba / Paraná, no período 2017-2020, determinamos essas duas formas de aplicação do fundamento.

UMBANDA MEDIATIZADA

Entendemos a mediatização – e preferimos essa denominação à “mídiatização”, pois enfatizamos o aspecto da *mediação por mídia* propriamente dita – como inerente às formas culturais contemporâneas, dentre as quais destacamos a religião; dizemos inerente amparados no que Stig Hjarvard (2014a, p. 33) chama de “lógica da mídia”, em alusão às “lógicas institucionais” preconizadas por Anthony Giddens (2003) como aspectos duradouros da vida social, em suas propriedades estruturais referentes às suas características institucionalizadas proporcionando solidez no tempo e espaço (GIDDENS, 2003, p. 28). Lógica da mídia é um termo

[...] empregado em reconhecimento ao fato de possuir a mídia um *modus operandi* próprio e características específicas [...] capazes de influenciar outras instituições e a cultura e a sociedade em geral, à medida que estas se tornam dependentes dos recursos que ela controla e disponibiliza. (HJARVARD, 2014b, p. 36, grifos no original)

O conceito acima parece sugerir mesmo que sutilmente um certo determinismo tecnológico, quando Hjarvard menciona dependência de recursos; o próprio autor esclarece tal dúvida dentro de um sentido mais amplo da própria mediatização como um processo de longo prazo, onde os modos de interação cultura / mídias são *alterados* – e não *determinados* (HJARVARD, 2014b., p. 39) e, especificamente sobre a mediatização da religião, afirma que “[...] a mídiatização da religião não é um novo tipo de religião em si, mas, antes, uma nova *condição social* em que o poder de definir e *praticar* a religião mudou.” (*Ibid.*, p. 27, grifos nossos).

Estudos científicos sobre a mediatização da religião vêm alcançando o interesse dos pesquisadores brasileiros em Comunicação a partir dos anos 2000, com expressiva quantidade de publicações a partir dos anos 2010¹⁰ onde, além de artigos, foram publicadas várias coletâneas sobre o assunto, bem como Encontros específicos e criação de Grupo de Pesquisa em Comunicação e Religião na Sociedade Brasileira de Estudos

¹⁰ Como exemplo, pesquisa no Google Scholar com a estratégia “religi* AND (mediatiza* OR mídiatiza*)” trouxe cerca de 11 mil resultados brutos (excluídas citações e patentes; resultados de páginas em português, todos os campos do conhecimento). Estratégia disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?lr=lang_pt&q=religi*+AND+\(mediatiza*+OR+mídiatiza*\)&hl=pt-BR&as_sdt=1,5&as_ylo=2000&as_yhi=2020&as_vis=1](https://scholar.google.com/scholar?lr=lang_pt&q=religi*+AND+(mediatiza*+OR+mídiatiza*)&hl=pt-BR&as_sdt=1,5&as_ylo=2000&as_yhi=2020&as_vis=1). Pesquisa feita em 19 nov. 2020.

Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em 2018. Quando especificamos apenas estudos em mediatização e Umbanda – excluindo demais pesquisas similares de mediatização com outras religiões mediúnicas de matriz africana, como Candomblé, Tambor de Mina, Batuque e Quimbanda, de matriz indígena como Jurema Sagrada (com variações *afro* como Catimbó), europeia como Espiritismo, etc. – temos resultados menores, mas não menos expressivos¹¹. A partir da filtragem de tais resultados (umbanda e m*diatização), citamos a seguir estudos referentes à Umbanda e mediatização com diversos ângulos de investigação, mas que acabam por ter certa confluência com nossa proposta de pesquisa.

Luís Mauro Sá Martino (2014) aborda a questão da mediatização confrontando comentários de dois *websites* (um evangélico e outro umbandista), onde

O processo de mediatização da religião impele à construção de identidade de vínculo religioso em ambientes midiáticos, nos quais são reelaboradas significações de si e da alteridade, a partir dos quadros de sentido expressos nas postagens, comentários, interações e narrativas diversas. (MARTINO, 2014, p. 289).

Voltado para as Ciências da Religião, mas abordando questões de mediatização, o artigo de Alexandre e Rocha (2016) discorre sobre altares virtuais, os quais são utilizados para o recebimento de pedidos tanto de umbandistas quanto candomblecistas por meio da internet, sem a necessidade de comparecimento presencial aos terreiros:

O mais curioso é que hoje não é mais necessária a ida ao terreiro para que tais serviços sejam realizados, pois a relação do consulente não se dava necessariamente por meio do pai ou filho de santo, mas por meio da entidade. É por isso que nos altares virtuais existe o espaço para pedidos, pois a relação do consulente, no meio virtual, se dará diretamente com a entidade espiritual, sem a necessidade de qualquer tipo de intermediário. (ALEXANDRE; ROCHA, 2016, p. 49).

Causa-nos estranheza tal afirmação, pois em nosso entendimento da Umbanda como processo comunicacional, a comunicação com a entidade – em experiência direta,

¹¹ Com base nos critérios da estratégia anterior, substituindo “relig” por “umbanda”, recuperamos 292 resultados brutos. Estratégia disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&lr=lang_pt&as_sdt=1%2C5&as_ylo=2000&as_yhi=2020&as_vis=1&q=umbanda+AND+%28mediatiza*+OR+midiatiza*%29&btnG=. Pesquisa feita em 19 nov. 2020.

no terreiro ou em experiência mediada por tecnologia – obrigatoriamente é feita através de um médium, pois é através dele que a entidade se manifesta para “informar”.

Em relação a questões específicas da liturgia umbandista mencionamos artigo de Maurício Ribeiro da Silva sobre invisibilidade e apagamento da religião como fenômeno mediatizado. O autor busca

[...] discutir sob o viés da cultura o fenômeno da invisibilidade de caracteres associados a grupos não hegemônicos, mais notadamente a Umbanda. Valendo-se do método indutivo exploratório para delinear a operacionalidade do conceito, apresentam-se elementos da teologia e da liturgia da religião a partir das festividades de ano novo e sua disseminação no tecido cultural do país com a adoção de práticas em rituais laicos. Diante deste quadro, observam-se padrões que se relacionam à midiatização do ritual, denotando a efetividade do conceito de apagamento no fenômeno observado. (SILVA, 2019a, p. 4; 2019b, p. 44).

Vania de Toledo Piza e o autor supracitado publicaram também em 2019 estudo sobre práticas de consumo na religião de Umbanda tendo como objeto de estudo os vídeos do *youtuber* Rodrigo Queiroz – o qual também utilizamos neste artigo, porém enfocando os vídeos litúrgicos – onde finalmente são mencionadas questões de reconfiguração de prática e experiência religiosa:

[...] religiões fundadas nas relações corporais como as mediúnicas (Espiritismo, Umbanda e Candomblé são exemplos) resistiram ao processo de mediatização do culto, visto que na prática as relações de tais cultos se concretizam a partir do encontro dos corpos. A despeito deste quadro, observamos a partir da emergência de novas estruturas comunicacionais associadas ao conceito de comunicação em rede e a estrutura de plataformas de vídeo como YouTube, dadas suas características ajustadas ao contexto P2P (person to person), tem possibilitado processos de mediatização a tais religiões. A partir deste quadro [o artigo busca] apresentar a análise do recente fenômeno dos Youtubers Umbandistas, buscando compreender como os conceitos associados à religião passam, no novo ambiente, a favorecer tanto a processos onde a presença corporal não se faz necessária quanto a estruturação de práticas de consumo, sejam de elementos simbólicos (cursos) quanto concretos (produtos). [...] O objetivo é compreender como se constitui o argumento e suas relações com o ideário da religião. Conclui-se que tais ações indicam processos, mesmo que insipientes [*sic*], de mediatização da Umbanda (PIZA; SILVA, 2019, p. 1).

Tal estudo trata a mediatização da Umbanda com enfoque principal nas práticas de consumo religioso, e não na mediatização da liturgia propriamente dita; porém tem

preocupação relevante no que diz respeito à indissociabilidade do corpo (à luz das considerações de Muniz Sodré) em relação à prática religiosa.

Por fim, mencionamos dois artigos de Clóvis Teixeira Filho e Aryovaldo de Castro Azevedo Júnior (2019, 2020) sobre mediatização da Umbanda também com forte ênfase nos aspectos voltados ao consumo. Neles, os autores buscam analisar as práticas religiosas da Umbanda sob o viés da institucionalização da comunicação – e aqui aludimos novamente às lógicas da mídia de Stig Hjarvard – na prática religiosa, especialmente aquelas voltadas para o consumo; daí a ênfase na comunicação de marketing como um instrumento de mediatização; o recurso metodológico adotado foi a pesquisa exploratória em três canais do YouTube; como resultados, destacou-se a mídia religiosa articulada pela linguagem musical (um canal de “pontos”¹² de Umbanda executados com percussão e canto) e orientação ao consumidor umbandista de produtos religiosos materiais e imateriais, como cursos à distância (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JÚNIOR, 2019, 2020, *passim*). Destacamos, ainda nestes artigos, a mediatização como um “[...] processo pelo qual a mídia institucionalizada *reconfigura as propostas de se pensar e fazer religião* (*Ibid.*, 2019, p. 218; 2020, p. 172, grifo nosso), bem como, em sugestão de estudos futuros, a proposição de uma “[...] análise dos espaços físicos religiosos, em conjunto com o ambiente digital (*Ibid.*, 2019, p. 231; 2020, p. 187)”. Essa proposta compõe uma das trilhas investigativas de nosso artigo.

GIRAS MEDIATIZADAS

Após esse breve apanhado da mediatização da Umbanda, passamos à nossa proposta de analisar como uma gira tradicionalmente executada dentro do espaço sagrado juntamente com sua egrégora passa a ser executada ainda dentro desse mesmo espaço, porém de forma mediatizada, com o auxílio de recursos tecnológicos para transmitir esta gira a quem não está fisicamente no terreiro.

Em linhas gerais, uma gira de Umbanda tem alguns elementos comuns às suas várias vertentes. O resumo que apresentamos a seguir vem de Barbosa Júnior (2014):

¹² “Pontos” são cânticos religiosos voltados para orixás e demais entidades nos terreiros de Umbanda. São cantados e tocados nas giras como forma de preparar o terreiro para a incorporação. Por exemplo, se em determinado momento da liturgia é chegada a vez do orixá Oxalá, cantam-se pontos para ele.

As giras são os trabalhos ritualísticos mais conhecidos de Umbanda. Variações à parte, costumam ter mais ou menos a mesma estrutura: Firmeza para Exu; Abertura; Defumação; Preces e saudações; Atendimentos e/ou consultas e trabalhos propriamente ditos; Encerramento. Geralmente, todos esses momentos são acompanhados de pontos cantados (com ou sem o uso de palmas e atabaques, dependendo da orientação de cada terreiro). Conhecidas também como sessões de caridade, as giras são pautadas pela alegria e pela conjugação entre respeito e informalidade, afinal, tanto a Espiritualidade quanto médiuns e consulentes literalmente se sentem em casa. Na maioria das giras, dentre as várias preces, costuma-se fazer a Prece de Cáritas, bem como cantar o Hino da Umbanda. (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 220).

Nossa observação das giras executadas nos dois canais do YouTube que adotamos como objeto de estudo busca a percepção do caráter de novidade em transmitir o processo litúrgico via *streaming*, bem como detectar a ausência de um ou mais dos elementos descritos acima que caracterizem emulação. O critério metodológico parte de 1) ineditismo: escolhemos estes canais por adotarem o formato “gira *online*” de forma pioneira; 2) regularidade: os canais ofereceram regularmente a transmissão de giras durante o período estudado (abril a novembro de 2020); 3) relevância: além dos critérios 1 e 2, optamos pela escolha dos dois canais pelo número de inscritos e de visualizações e 4) similaridade de prática: os dois pais de santo, bem como o corpo mediúnico presente nas giras, não incorporaram.

O método de análise utiliza três transmissões de cada *youtuber* visando identificar alguma alteração ou incremento no processo litúrgico de um vídeo para outro; em ambos os casos as giras ocorreram semanalmente. A partir de uma análise mais criteriosa, selecionamos trechos dos vídeos que indicassem claramente por ênfase ou entonação brusca algum tipo de incerteza ou ruptura com o processo litúrgico tradicional; nesses casos, transcrevemos esses trechos, organizando-os através de marcadores textuais, sendo “AS” para Adérito Simões e “UEAD” para Umbanda Ensino à Distância. Nossa observação contempla as duas primeiras giras de cada *youtuber* comparando com as giras mais recentes (até a conclusão deste artigo). Em seguida, os trechos são agrupados em grupos temáticos, para discussão. A tabela abaixo demonstra como os vídeos são organizados:

Canal do	Vídeo (entre colchetes, a data de	Identificador
----------	-----------------------------------	---------------

YouTube	transmissão quando não informada no título, e sim na descrição)	textual
Adérito Simões ¹³	Gira Online [02/04/2020]	AS1
	GIRA ONLINE: 09/04/2020	AS2
	GIRA ONLINE DE UMBANDA CABOCLOS, CIGANOS, OXUM E XANGÔ [24/11/2020 – para fins comparativos]	AS3
Umbanda Ensino à Distância ¹⁴	GIRA ONLINE - ICA Umbanda EAD - 01 – Caboclos [29/06/2020]	UEAD1
	GIRA ONLINE 02 - Exu - Ao Vivo [06/07/2020]	UEAD2
	Gira Online #17 - Caboclo – ICA [23/11/2020 – para fins comparativos]	UEAD3

Tabela 1: Relação dos vídeos observados.

Adérito Simões e Rodrigo Queiroz¹⁵ – ambos médiuns de incorporação – são experientes *youtubers*¹⁶ e seus canais têm grande alcance junto à comunidade umbandista, oferecendo diversos vídeos, ora voltados aos fundamentos da religião, ora visando oferecer produtos e serviços ligados à Umbanda, como cursos *online*. Mesmo com todo esse *background* de *youtubers*, transparecem certa insegurança na transmissão de suas primeiras giras; como se trata de uma *liturgia* mediatizada e transmitida no formato *live*, não há a possibilidade de editar o conteúdo. Por isso são realizados testes com o nível de som, ângulos de câmeras, etc. com a transmissão iniciada.

OBSERVAÇÃO DE AS1

Adérito Simões, em sua primeira gira (AS1) transmitida pelo YouTube, inclui na descrição do vídeo a seguinte informação:

¹³ Adérito Simões é pai de santo do terreiro Templo Sete Montanhas do Brasil, localizado em Praia Grande, São Paulo.

¹⁴ Rodrigo Queiroz pertence ao ICA (Instituto Cultural Aruanda), localizado em Bauru, São Paulo.

¹⁵ Além de Rodrigo Queiroz, o canal Umbanda Ensino à Distância conta também com outros *youtubers*. Porém, Queiroz foi o único a conduzir giras *online*.

¹⁶ O canal “Adérito Simões” foi criado em 2014 e possui 298 mil inscritos com um total de 27.650.000 visualizações; o canal “Umbanda Ensino à Distância” foi criado em 2009 e possui 92,5 mil inscritos com um total de 4.480.000 visualizações. Os dados são de novembro de 2020. Justificamos a escolha destes dois canais pela semelhança nas práticas - ou seja, a não adoção da incorporação. Tensionamos em outro artigo os canais “Adérito Simões” e “Umband’Boa”, neste canal, do pai de santo *youtuber* Márcio Kain, ocorreu a prática de incorporação. O artigo está disponível em **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 43., 1 a 10 dez. 2020. São Paulo: INTERCOM, 2020.

Uma gira de Umbanda completa. Uma gira de Umbanda online. Uma gira de Umbanda ao vivo. Eu nunca havia feito isto na vida e, portanto, agradeço sua visita. Receba muito axé¹⁷, eleve sua espiritualidade e venha comigo nesta jornada espiritual sagrada rumo ao encontro do Criador através da Lei de Umbanda e as Sete Linhas da Umbanda. (GIRA..., 2020a).

Ainda nesta gira, o pai de santo *youtuber* reforça sua incerteza do que pode acontecer, dizendo “[...] que eu fiz? Eu firmei todo o terreiro, coloquei tudo pra frente, não tenho a menor ideia do que eu vou fazer. Pra mim vai ter uma gira.” (*Ibid.*, 4min24s). Nos dois *frames* abaixo, Adérito efetua a checagem de câmera e também se o *streaming* foi iniciado; em seguida, verifica o som do microfone para a transmissão. Após a checagem, coloca suas guias e inicia os procedimentos referentes à gira.



Figuras 3 e 4: Checagem de equipamento (câmera e microfone) para execução da *live*.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yn4pJf6Y310>

Nesta primeira gira *online* o pai de santo também confessa aos espectadores sua solidão e a necessidade de estar presencialmente no terreiro, bem como justifica o fato de não incorporar; sem o *feedback* presencial, não sabe se o axé está chegando aos espectadores, e em diversas passagens questiona se a gira está cumprindo o seu papel, conforme os extratos abaixo:

- a) 4min44s: *Hoje é dia de gira, estou sozinho, não posso trazer os meus filhos [de santo].*

¹⁷ O termo “axé” é extremamente complexo. Normalmente banalizado apenas como “energia”, seu significado vai muito mais além. De acordo com Muniz Sodré, axé é “[...] força e ação, qualidade e estado do corpo e seus poderes de realização [...], uma manifestação de força ou Vontade, apoiado no corpo”. (SODRÉ, 2002, p. 62; 2006, p. 212).

- b) 4min50s: *Não dá mais, não aguento mais, tem que ter gira. Não aguento mais ficar sem caboclo, sem trabalhar com as coisas, sem fazer o que tem que fazer e só eu aqui também, trabalhando sozinho, trazendo entidades, não é igual, certo?*
- c) 5min25s: [...] *porque ninguém aguenta ficar tanto tempo sem o plano espiritual trabalhando e sem os caboclos trazendo a força maravilhosa.*
- d) 9min33s: *Pros meus filhos eu vou defumar o lugar de vocês [no espaço físico], vou defumar tudo, então vai chegar até aí [aos filhos de santo enquanto espectadores fora do terreiro]. Pra quem não é filho de santo, é apenas da egrégora ou da assistência [“consulência”] da nossa comunidade de santo, firma [mentalização espiritual] e acredita. Depois você me fala o que acontece.*
- e) 17min25s: *Eu peço licença minha mãe [Iemanjá], pra que a água da sua quartinha possa ir [...] e assim trabalhar a minha força, trabalhar o meu Ori [cabeça], para que todos que aqui estão [assistindo a live] através de mim possam receber esta força e este axé. Todos vocês por favor coloquem as mãos sobre vossas cabeças [...] e recebam esta força que foi colocada em mim por extensão até vocês. Não sei se isso é possível, não sei se isso dá certo, vamos ter que tentar, não importa neste momento, a gente tem que tentar alguma coisa pra que o axé continue alto, forte.*
- f) 23min57s: “[...] esta casa [terreiro], agora, em todo o momento em que for necessário, estará aberta online ou fisicamente para irradiar até vocês. Que a força de Umbanda seja sempre presente junto a todos vocês.
- g) 24min45s: *Salve a linha dos caboclos sem incorporação pois eu não tenho como amparar vocês em suas casas [...] eu não tenho como amparar vocês nas suas casas, porém eu não estou na sua casa para saber o que está acontecendo, certo? O que eu digo é: se possível não incorpore, mas eu não tenho controle sobre nada, eu apenas faço aquilo que deve ser feito. Eu digo: não incorpore [...] meus filhos de santo realmente devem segurar [a incorporação].*
- h) 39min05s: *Depois dessa gira online, enfim [...], vocês estão sentindo, tá bom pra vocês também? Aqui, a força ela flui, mas é triste não ter ninguém [...]; vocês sentem isso onde vocês estão?*

- i) 40min20s: *Depois quando isso se encerrar [a live] eu vou trazer o Caboclo Sete Montanhas [...], não posso filmá-lo, tá certo? Qualquer dia eu posso perguntar pra ele se a gente pode virar a câmera pra que ele possa trabalhar as pessoas [energizar espiritualmente] que aqui estão.*
- j) 41min53: *Então aonde em vocês não tem axé, que o axé chegue pela internet.*

OBSERVAÇÃO DE AS2

Na *live* AS2, Adérito já conta com a participação da curimba¹⁸ (dois ogãs). Fica evidente no vídeo a excessiva preocupação com o aparato tecnológico para a transmissão da gira, sobretudo em relação à qualidade do som e também a incerteza quanto à transmissão do axé aos espectadores. Em determinado momento compara-se aos televangelistas, citando o pastor Silas Malafaia. Conforme extratos abaixo:

- a) 9min02s: *Eu vi que o microfone não funcionou, o stream não funcionou, nada acabou funcionando e [mesmo assim] vamos mandar bala com esse axé.*
- b) 10min59s: *Todos os filhos de Umbanda e toda a minha egrégora que aqui está nos acompanhando hoje, aos trancos e barrancos, com volume baixo, com problema de eco, sem saber o que está acontecendo, sem conseguir transmitir tudo o que é possível, fazendo o que dá, fazendo o que podemos, não temos a menor ideia de como está saindo pras pessoas [...] a partir de agora não temos a menor ideia do que está acontecendo [...] vem comigo e vamos rezar aqui com a gira online.*
- c) 18min11s: *Bom, pessoal, me disseram que quando eu canto sai atrasado [o som], alguma coisa assim [...], não faço ideia mesmo, isso atrapalha muito nosso trabalho [...]. É o que dá, é o que vamos fazer no dia de hoje.*

¹⁸ A curimba é composta pelos ogãs (tocadores / percussionistas) e os instrumentos de percussão; tem a função de manter a vibração da gira. (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 218-224).



Figura 5: Na segunda *live*, ocorrem os problemas técnicos descritos nos itens a, b e c. Adérito efetua checagem de microfone e câmera. Note-se que a curimba também utiliza microfone.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yn4pJf6Y310>

- d) 58min02s: *Meus irmãos, nesse tempo de pandemia, eu quero que você escute uma palavra minha. Nesse tempo que eu estou meio Adérito Malafaia [aludindo ao pastor televangelista Silas Malafaia] você vem comigo um pouquinho, escuta o que eu estou te falando, você não vai ficar muito tempo nisso.*
- e) 1h08min13s: *Tá chegando axé? Me diz se tá chegando axé, porque aqui não dá vontade de parar. Aqui eu estou igual missa na TV [...], eu quero que isso chegue até você, eu não sei se está chegando. Me diz se está chegando ou não [olhando no smartphone e interagindo com os participantes via chat].*
- f) 1h08min51s: *Salve, duas mil e duzentas pessoas aqui [na live] saravando [saudando] Exu, Pomba Gira, dando problema na transmissão, o bicho pegando aqui, ó.*
- g) 1h12min23s: *É uma pena que não pode fazer uma gira inteira, completa [referindo-se à incorporação].*
- h) 1h16min12s: *Eu vou ser sincero com vocês: eu estava me borrando de medo na primeira live achando que não ia dar certo; teve menos gente nessa. E daí: é pra número? Quanto mais, melhor [...]. Como ou quando a gente juntava tanta gente assim?*
- i) 1h16min57s: *[...] eu quero que chegue aí bonito pra você. Eu sei que não está bom, fazemos com o que temos. A primeira vez era só um microfone, não tinha ninguém [no terreiro]. Hoje, tem mais gente, não sei se fica bom ou se fica ruim, só sei que fica e a gente faz dessa forma.*

- j) 1h18min12s: *Essa gira que nós abrimos, vamos fechar com vocês. É uma gira pública, é uma gira online, é uma gira que leva a palavra de Olorum pra tua casa, é uma gira que leva os orixás pra tua casa, é uma gira que leva as entidades pra tua casa.*

No *frame* apresentado na Figura 5, podemos constatar o acréscimo de duas informações em tela: no lado esquerdo superior, um logotipo com a expressão “Montanhense Método”, aludindo ao que o *youtuber* frequentemente comenta em seus vídeos (não só das giras) como “método montanhense”, o qual se refere ao tipo de Umbanda praticada em seu terreiro, o Templo de Umbanda Sete Montanhas do Brasil (ver nota de rodapé n. 13), cujo conhecimento é transmitido em cursos *online* gratuitos e pagos. Outro acréscimo à tela aparece no lado superior direito, com a indicação do horário em que a gira está sendo transmitida, bem como o indicial de que está sendo executada ao vivo (através da informação “*live*”).

COMPARAÇÃO DE AS1 E AS2 COM AS3

Comparando estas duas primeiras transmissões com uma mais recente (AS3), em um horizonte temporal de sete meses, verificamos maior familiarização com a combinação dos elementos tecnológicos (apesar dos problemas técnicos) – são utilizados novos equipamentos, como microfones auriculares, bem como microfone para captação da percussão da curimba, fones de ouvido para checagem de som – e a prática litúrgica online permaneceu a mesma, sem ocorrência de incorporação:

Você aí [espectador] vai trabalhar essas energias [do terreiro] onde você estiver. Tem gente que acha que a gente está até incorporado aqui, durante as giras [online]. E não [...]. Você acha que a gente está incorporado, vem no dia da gira pra ver como é de verdade [...]. A gente só está tocando e só está cantando, tá? Às vezes [dá] um pequeno arrepio e muita inspiração. Mas, incorporado mesmo, é outra *vibe*, é outro esquema. (GIRA..., 2020c, 10min35s).



Figura 6: *Upgrade* no aparato tecnológico, com utilização de microfone auricular (Adérito e um dos ogãs), microfone para captação de percussão e fone de ouvido para checagem de som.

Destacamos também que em relação ao rito em si – nos três vídeos observados –, Adérito Simões busca aproximar a liturgia *online* da sequência ritualística, onde protocolarmente se veste o branco (cor que significa a pureza de espírito, a obediência a preceitos e também é associada ao orixá maior nas umbandas, Oxalá, sincretizado frequentemente com Jesus Cristo), preferencialmente não se utilizam calçados ou eventualmente meias e sapatos brancos, utilização das guias dos orixás e entidades que “trabalham” com os médiuns, bem como guias das entidades às quais as giras são dedicadas (pretos e pretas velhas, caboclos e caboclas, exus e pombagiras etc., em dias determinados pelo pai ou mãe de santo), defumação, pontos cantados aos orixás e demais entidades, encerramento. Dessas observações, portanto, podemos afirmar que o formato da giras *online* de Adérito Simões não sofreu mudanças significativas. Passamos a seguir aos extratos das observações ao canal Umbanda Ensino à Distância.

OBSERVAÇÃO DE UEAD1

Rodrigo Queiroz, ao contrário de Adérito Simões, mostra melhor desenvoltura com o uso dos aparatos tecnológicos para o *streaming*, e neste vídeo não houve necessidade de testagem dos equipamentos. O *youtuber* lança mão de itens como fones de ouvido sem fio e microfone lapela, enquanto que os ogãs utilizam um microfone para canto e outro para captação da percussão.

Em UEAD1 Queiroz, em passagens de sua preleção, alude ao objetivo principal da gira *online* que é a transmissão do axé; enfatiza que a religião tem elementos essenciais como o contato físico e convoca os espectadores para a prática religiosa dentro de seus próprios lares; também justifica o fato de não incorporar na *live*.



Figura 7: Gira *online* UEAD 1, com Rodrigo Queiroz e um ogã (não identificado). Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=4_REildtCHQ&list=PLjrLGdkeT6LcJFEbbB335UIKNJCqdW4FD&index=69&t=1219s

Conforme as passagens abaixo:

- a) 12min50s: *Todos que me acompanham sabem qual é o meu posicionamento [...] sobre a presença de entidades incorporadas em situações de vídeo e supostamente interagindo com as pessoas. Isso não vai acontecer aqui e se de repente você já está aqui esperando ver eu incorporar [...] não vai, né, rolar isso.*
- b) 13min44s: *Estaremos aqui, eu, colaboradores, a curimba, pra poder fazer acontecer essa nossa gira online que vai consistir em abrir a gira tradicionalmente como a gente sempre faz e fazer alguma preleção como sempre foi e fazer o toque e as evocações necessárias para a ativação do axé, vibração dentro daquilo que a gente sempre fez. E aí, assim, nisso que consiste a nossa gira online.*
- c) 19min43s: *“[...] porque simplesmente é impossível cogitar a aproximação de recursos tecnológicos com a vivência de terreiro.*
- d) 24min50s: *A Umbanda é uma religião de magia, de manipulação, é uma religião de toque [físico], é uma religião de contato [...], estimula as pessoas ao contato.*

- e) 25min29s: [...] *então você começa a censurar a ritualística [...]. E aí eu ficaria imaginando o passe que não é passe, como seria restringir o contato da entidade, por exemplo o caboclo [...], você vai falar para o caboclo usar máscara?*
- f) 27min52s: *Pra quem conhece o ICA sabe que, gira sim gira não, o nosso atendimento de passe é coletivo [...]. Não tem conversa com as entidades, é feita uma dinâmica interna aqui em que as pessoas entram em grupos e é dado um passe de vibração coletiva [com] todos os médiuns incorporados.*
- g) 29min18s: *Por que que a gente vai desconfigurar tudo? Pra que que a gente vai tirar a magia do terreiro, tirar a delicadeza da legitimidade da nossa fé que é a própria magia, é a magia manifestada [...], nossa marca, nossa identidade?*
- h) 32min53s: *Então a gente tem nesse momento uma oportunidade muito especial, me parece, apesar de parecer até sarcástico, mas é um momento de contemplação, de oportunidade. Como que nós, enquanto Umbanda, nos reinventaremos. Não estou dizendo [...] que a Umbanda vai virar uma religião eletrônica, não é isso, mas [...] como que agora a gente observa a nossa relação efetiva fora do terreiro, além das paredes do terreiro, como que você transpôs tudo isso que você vivia dentro do terreiro e que agora no ambiente doméstico isso precisa fazer um novo sentido.*

OBSERVAÇÃO DE UEAD2

Em UEAD2, quanto ao uso do aparato tecnológico para realização de *streaming*, notamos a substituição do microfone lapela pelo microfone de mão, bem como mesa de som para microfones da curimba e cabos espalhados pelo chão do terreiro. Em relação ao vestuário, o pai de santo veste camisas pretas, pois a gira em questão é para Exu, e um indicador visual para giras de Exu é a indumentária preta, além de complementos eventuais, como capa e cartola¹⁹. Rodrigo Queiroz reafirma a necessidade do terreiro

¹⁹ Na Umbanda, a indumentária das entidades espirituais é um importante fator de conexão visual e identitária entre o médium e o consulente. No caso de Exu, a cor preta (JURUÁ, 2013, p. 204), por vezes combinada com a vermelha, simboliza um contraponto ao branco das entidades pertencentes à chamada linha da “direita”, como pretos velhos e caboclos, por exemplo. Exus e pombagiras situam-se na linha da

em realizar as giras ao vivo para a transmissão do axé *online* e reforça também a questão da não incorporação, conforme passagens a seguir:

- a) 5min22s: *Nós nos colocamos na proposta de fazer com que o terreiro volte nesta modalidade [online] para que o nosso congá²⁰ leve até você esse axé também.*



Figura 8: Gira *online* UEAD 2: camisas pretas para gira de Exu, microfone diferente da primeira gira, mesa de som e cabos espalhados no terreiro. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CwOMzIHe53o>

- b) 6min42s: *E qual que é a proposta? A gente está tentando fazer o mais próximo [d]o ritual do que seria a gira de fato [...] pra você criar o hábito religioso [...] é possível você fazer o culto familiar.*
- c) 7min47s: *Talvez a pandemia tenha trazido esse aprendizado forçado a todos os umbandistas [...]. A experiência religiosa pode ser válida com autonomia.*
- d) 24min40s: *Não há fronteira. E se nós estamos conectados aqui [...] nós estamos ligados, por ondas vibratórias, por cordões energéticos. São projetados deste congá até você. Você vem até nós, e nós retribuímos e viramos neste momento uma grande corrente que se chama egrégora [...], é uma epifania.*
- e) 30min11s: *Não precisa incorporar, nada disso. É só vibrar, é só conversar, é só rezar, é só a magia acontecer.*

COMPARAÇÃO DE UEAD 1 E UEAD2 COM UEAD3

“esquerda”, considerada uma linha de energia mais densa e muito mais próxima da energia terrena e humana. Mais detalhes em AZEVEDO (2008, p. 49-51) e SARACENI (2014, p. 319).

²⁰ “O altar em si, onde ficam imagens dos Orixás [...], suas oferendas, objetos litúrgicos e outros. Em algumas regiões, congá é também sinônimo de terreiro.” (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 218).

Comparando UEAD3 com as duas primeiras giras, com uma diferença de 4 meses de publicação de UEAD2 para UEAD3, observamos a intenção do pai de santo em prosseguir com o formato *online* durante o período de impedimento da realização presencial:

Todas essas incertezas, todas essas dificuldades, mais uma vez em se tratando de Umbanda a gente teve que se reinventar, não pra ter o resultado que gostaríamos, desejávamos, né, que é poder estar de volta, fazer as nossas giras, abrir a porta, receber as pessoas... Ainda não entendemos que está seguro pra isso [...] são dezessete giras nesse formato e que veio por uma necessidade nossa mesmo [...] de] sentir a força, a vibração, o axé [...]. (GIRA..., 2020f, 11min.).

Os aspectos imagéticos permanecem seguindo os procedimentos litúrgicos do terreiro, com as vestes brancas (gira de caboclo, linha da direita) e a presença de duas crianças no terreiro utilizando máscaras de proteção (ambas filhas do pai de santo), mas sem significação ritualística para a execução da gira.



Figura 9: Gira *online* UEAD 3: presença adicional de médium assistente e de crianças (sem finalidade ritualística). O *frame* mostra também a preparação de firmeza a caboclos.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1qxsUhMWIN8>

Um procedimento não presente na primeira gira (também de caboclo) foi o preparo ao vivo de uma firmeza para caboclos, a qual foi explicada passo a passo para os espectadores. Queiroz explica que não se trata de um procedimento exclusivo de terreiro:

Eu posso fazer [colocando-se como espectador]? Pode, por isso está aberto ao público. Posso riscar [o ponto de caboclo], quem pode riscar²¹? Você pode riscar, se você estiver com a pamba [giz de calcário para uso ritualístico] ou com o giz, você pode fazer [em casa]. Esse [que está demonstrado] você pode fazer. Experimente, vivencie e tire você suas conclusões na prática.

Tanto UEAD 1 quanto 2 e 3 não apresentam mudanças significativas na ritualística apresentada: em todas elas Rodrigo Queiroz inicia com uma defumação em todo o terreiro, incluindo defumação em frente à câmera, simbolizando a transmissão energética aos espectadores. Após alguns pontos cantados, Queiroz abre espaço às suas preleções, que normalmente são longas, durando entre 30 e 40 minutos – os vídeos das giras tem em média 1 hora de duração. Após sua fala, cantam-se mais pontos para a entidade homenageada na gira e procede-se o encerramento.

DISCUSSÃO

Através da análise do *corpus* acima, identificamos as principais abordagens que caracterizam as giras *online*: agrupamos essas abordagens como “gira mediatizada”, “gira mediatizada (mediada através do uso de tecnologias)”, “incorporação (não realização da incorporação)”, “gira emulada” e “axé coletivo reconfigurado”. Junto a essas abordagens reunimos os extratos do *corpus* mais significativos, conforme a tabela abaixo.

Indicador	Abordagens	Vídeo	Passagens
1	Gira mediatizada	AS1	f, h, i
		AS2	d, f, h
		UEAD1	g, h
		UEAD2	a
2	Gira mediatizada (ênfase no uso de tecnologias)	AS2	a, c
		UEAD1	c
		AS1	g

²¹ O ponto riscado é “[...] um desenho emblemático ou simbólico. Atrai, com a concentração que determina para ser traçado, as entidades ou falanges a que se refere.” (JURUÁ, 2013, p. 203). É também considerado um identificador das entidades, e na ritualística, as entidades precisam riscá-los a fim de que não se tenha dúvida de que espíritos mal intencionados assumam suas identidades. Na citação usada, Queiroz orienta que os espectadores também possam riscar os pontos de caboclo para atrair a energia deles.

3	Incorporação (não realização da incorporação)	UEAD1	a
		UEAD2	e
4	Gira emulada	AS1	b,
		AS2	b, e, g, i
		UEAD1	b, e
		UEAD2	b
5	Axé coletivo reconfigurado	AS1	d, e, h, j
		AS2	e, j
		UEAD2	d

Tabela 2: Agrupamento dos extratos de vídeos observados de acordo com as abordagens.

Verificamos que os pais de santo, apesar de sua experiência como *youtubers*, tiveram certo desconforto para realizar as primeiras transmissões das *lives*, com destaque para Adérito Simões. Os demais vídeos produzidos pelos (e para) os canais estudados – como os vídeos de cursos *online* – sofrem um processo de edição, sonorização, múltiplas câmeras etc. que não são possíveis na transmissão ao vivo. Outro ponto que merece menção é de que a *gira online* é um processo litúrgico, ligado ao sagrado, que envolve o conhecimento dos pais de santo para a execução de uma série de procedimentos ritualísticos, os quais em determinadas passagens da *live* acabam por ser realizados parcialmente ou sem a devida atenção / concentração, devido à necessidade de manuseio dos equipamentos como câmeras (posicionamento), microfones (regulagem de som), qualidade do *streaming* (“travamentos”) e obtenção de *feedback* dos espectadores em relação à qualidade da transmissão da *gira*. Estes aspectos compõem o *corpus* agrupado nos indicadores 1 e 2.

Ficou evidente a reconfiguração do fundamento “manifestação do espírito para a caridade”, ou seja, sob o ponto de vista comunicacional à luz da tríade entidade / médium / consulente, não houve a incorporação dos pais de santo pelos motivos expostos nos extratos do *corpus*; não havendo a incorporação, a entidade não se manifesta e por conseguinte não acessa o consulente, o que dá à *gira online* a característica de emulação: os *youtubers* seguem determinados processos litúrgicos das *giras físicas*, como defumação do terreiro, “bater cabeça” (saudação aos orixás, geralmente o orixá de frente do médium), tocar os pontos etc. Porém, o desempenho da *gira online* é diferente pois, além da ausência da incorporação, há também a ausência de

parte da egrégora umbandista, sobretudo dos consulentes, o que caracteriza o *corpus* agrupado nos indicadores 3 e 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

Consideramos que a aplicação do fundamento é reconfigurada neste contexto mediatizado pela ausência do espírito manifestado para a prática da caridade “um para um” (para cada consulente, uma entidade que faz o aconselhamento, limpeza, descarrego, etc.) e também em relação ao axé coletivo – ou ao passe / energização coletiva, ainda que haja o esforço dos pais de santo na evocação das forças espirituais para transmiti-las aos espectadores por meio de preleções, sugestões de materiais para firmezas durante as giras e também orações. Este é o resultado da análise de *corpus* agrupado no indicador 5.

Desta maneira, a partir da consolidação das abordagens reunidas nos indicadores do *corpus* observado e analisado, podemos estabelecer uma gradação de eventos que desencadeiam no que concluímos como giras emuladas: a mediatização das giras, incluindo aqui o uso do aparato tecnológico e a não presença física de parte da egrégora (consulência) para a qual é destinada a prática da caridade dentro do espaço sagrado através da comunicação entre médium e entidade aponta, nos objetos de estudo, para a ausência da incorporação devido ao formato adotado – o da *live* via *streaming*. Este é o ponto mais importante na indicação de uma ruptura com o fundamento de Umbanda enquanto processo comunicacional que acaba por se tornar uma gira emulada, ou seja, não apresenta o mesmo desempenho e completude de uma gira com a egrégora em sua totalidade dentro do terreiro. Como consequência desta emulação, chamamos atenção para o axé coletivo reconfigurado do indicador 5 pois entendemos que, à luz da liturgia o axé, esta energia ancestral e espiritual, é desencadeado pela hierofania indissociável do território e do corpo.

Como ampliação às várias possibilidades de estudos de giras *online* não contempladas aqui, sugerimos uma análise sobre o processo de mediatização na interação espectador / *youtuber* através de comentários e de *chats* de vídeos do YouTube, bem como o envio de *chats* pagos para destaque em tela como *super chats* e

super stickers (tais práticas aconteceram nos vídeos observados, mas não as contemplamos no artigo) a fim de estabelecer a validade ou não do formato através da experiência dos espectadores. Outro desdobramento possível é investigar se este tipo de liturgia pode se consolidar como uma forma de atendimento mesmo que parcial – dada a reconfiguração do fundamento – a comunidades ou indivíduos simpatizantes da Umbanda residentes em locais onde não existam terreiros, podendo vir a proporcionar uma experiência também emulada e mediatizada, a transmissão do axé pela internet.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Claudia; ROCHA, Luan. O axé na nuvem: Umbanda e Candomblé frente à internet. *Último andar*, São Paulo, n. 29, 2016.

AZEVEDO, Janaína. **Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

DRAVET, Florence. O imaginário ou a comunicação entre o corpo e linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 15, n. 30, p. 287-306, jul./dez. 2016.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIRA online. 1 vídeo (46min12s). [S. l.: s. n.], 2020a. Publicado pelo canal Adérito Simões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yn4pJf6Y310&list=PLjrLGdkeT6LcJFEbbB335UI>. Acesso em: 1 maio 2020.

GIRA online: 09/04/2020. 1 vídeo (1h19min09s). [S. l.: s. n.], 2020b. Publicado pelo canal Adérito Simões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8k0EP2eglU&list=PLjrLGdkeT6LcJFEbbB335U>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GIRA online de Umbanda: Caboclos, Ciganos, Oxum e Xangô. 1 vídeo (1h02min04s). [S. l.: s. n.], 2020c. Publicado pelo canal Adérito Simões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YDXYG21ipRM>. Acesso em: 30 nov. 2020.

GIRA online – ICA Umbanda EAD – 01 – Caboclos. 1 vídeo (1h12min25s). [S. l.: s. n.], 2020d. Publicado pelo canal Umbanda Ensino à Distância. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4_REildtCHQ. Acesso em: 12 nov. 2020.

GIRA online 02 – Exu – Ao Vivo. 1 vídeo (1h5min32s). [S.l.: s.n.], 2020e. Publicado pelo canal Umbanda Ensino à Distância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CwOMzIHe53o>. Acesso em: 12 nov. 2020.

GIRA online #17 - Caboclo - ICA. 1 vídeo (58min22s). [S.l.: s.n.], 2020f. Publicado pelo canal Umbanda Ensino à Distância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1qxsUhmWIN8>. Acesso em: 30 nov. 2020.

HJARVARD, Stig. **Mediatização: conceituando a mudança social e cultural.** **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014a.

_____. **A mediatização da cultura e da sociedade.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014b.

JURUÁ, Padrinho. **Coletânea Umbanda “a manifestação do espírito para a caridade”:** as origens da Umbanda I [livro eletrônico]. São Caetano do Sul: [s. n.], 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A clausura da diferença: mediatização da religião, enquadramento e identidades em uma discussão online. **REU – Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 40, n. 2, dez. 2014.

_____. **Mídia, religião e sociedade:** das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The internet: an ethnographic approach.** Oxford: New York: Berg, 2000.

PIZA, Vania de Toledo; SILVA, Mauricio Ribeiro. **Mediatização e religiões mediúnicas: análise da produção audiovisual de um youtuber umbandista.** **Pensacom Brasil**, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Serviço Social do Comércio – SESC São Paulo, 9 e 10 dez. 2019.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia de Umbanda Sagrada:** a religião dos mistérios, um hino de amor à vida. São Paulo: Madras, 2014.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Trompe-L’oeil: apagamentos e (in)visibilidade da Umbanda na cultura brasileira.** In: Encontro Anual da Compós, XXVIII, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019a.

_____. **Trompe-L’oeil: (in)visibilidade da Umbanda na cultura brasileira.** **Líbero**, São Paulo, ano XXII, n. 44, jul./dez. 2019b.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

TEIXEIRA FILHO, Clóvis; AZEVEDO JÚNIOR, Aryovaldo de Castro. A Midiatização da Umbanda: uma análise sobre a religião nos conteúdos audiovisuais mais consumidos digitalmente. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, jan./abr. 2020.

_____. Umbanda midiatizada: entre consumo, músicas e experiências pessoais. In: CAMARGO, H. W. (Org.). **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

Recebido em 08 de dezembro de 2020.

Aprovado em 31 de maio de 2021.